

A questão do “armário” e a emergência da internet nas narrativas de professores homossexuais

*Filipe Gabriel Ribeiro França*¹

RESUMO

Neste texto, trago narrativas produzidas sobre a questão do “armário” e a emergência da internet durante a minha pesquisa de mestrado, baseada em encontros com sete professores que se identificaram como homossexuais. Utilizei como referencial teórico-metodológico a perspectiva pós-estruturalista. Com base nessa perspectiva pude problematizar as formas pelas quais os professores vão se constituindo como sujeitos homossexuais e discutir como esses docentes vão se produzindo nas relações de poder, nas relações com o outro e, sobretudo, na relação consigo mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Armário. Professores. Homossexualidades. Internet.

The issue "closet" and the emergence of the internet in the narratives of gay teachers

ABSTRACT

In this paper, I bring narratives produced on the issue of "closet" and the emergence of the internet during my master's research from my encounters with seven teachers who self identified as homosexual. I used as theoretical and methodological framework poststructuralist perspective. From this perspective could discuss the ways in which the teachers constitute themselves as homosexual teachers and discuss how these teachers will be producing power relations, in relations with each other and especially in relations with themselves.

KEYWORDS: Cabinet. Teachers. Homosexualities. Internet.

¹Mestre em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* filipe.gfranca@yahoo.com.br.

* * *

Eu queria minha vida própria, por meu querer governada.
João Guimarães Rosa

Introdução

O desejo de Riobaldo, personagem do romance “Grande sertão: Veredas”², de João Guimarães Rosa, de querer “vida própria” e “governada” por si mesmo, vai ao encontro dos desejos dos professores homossexuais com os quais tive a oportunidade de conversar durante a produção da minha pesquisa de mestrado. Vontades, coragem, descobertas, inquietações e experiências. Esses sentimentos surgem nas narrativas dos professores ao falarem de suas vidas e compartilharem suas vivências.

Escrevo este texto influenciado pelas ideias e pelo referencial teórico-metodológico da perspectiva pós-estruturalista e pelas contribuições do filósofo francês Michel Foucault. Tal perspectiva me fez pensar nos modos como nos tornamos sujeitos e nos constituímos em meio aos jogos de verdade. Provocou-me a problematizar as formas pelas quais os professores vão se produzindo e se repensando em suas narrativas.

Neste movimento de escrita, vou “aprendendo a operar com a provisoriidade, com o transitório, com o mutante. Isso está muito longe de significar que ‘vale-tudo’, mas implica praticar, frequentemente, o autoquestionamento” (LOURO, 2004, p. 03-04). Essa perspectiva de pensamento me faz destacar as linguagens e os discursos como práticas recheadas de relações de poder. Leva-me a me preocupar mais com questões e interrogações do que com respostas. Assim, vou aprendendo a enxergar as verdades como construções históricas, movediças e momentâneas, verdades que são desconstruídas, produzidas e ressignificadas a todo o momento.

² Cito o livro “Grande sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, para dialogar comigo e com os professores ao longo do texto.

Na tentativa de imergir no campo e buscar informações para serem problematizadas, utilizei como estratégia de pesquisa a entrevista narrativa, compreendendo que o caminho metodológico é uma composição, ou seja, ele vai sendo traçado junto com a pesquisa.

Entendo que a composição metodológica adotada por mim não é nova, já foi inúmeras vezes utilizada. Porém, encarei as entrevistas com os professores não apenas como um conjunto de falas isoladas, mas como narrativas de si desses sujeitos, pois narrar um fato não é apenas relatar ou viver o que já passou, “implica um certo sentido do que somos” (LARROSA, 2002b, p. 68), para esses professores e para mim.

Por meio das narrativas, os professores dão um novo significado ao que já viveram e ao seu presente, fazendo uso de palavras para descrever quem eles são, quais experiências os marcaram, o que pensam, o que sentem e como vivem. Fundamentando-se em Larrosa, quando nos envolvemos com as palavras “damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (2002a, p. 21).

Nós, seres humanos, somos contadores de histórias, sujeitos que, individual e socialmente, vivemos e nos relacionamos com vidas relatadas. Trabalhar com as narrativas é, portanto, estudar as formas como os sujeitos experienciam o mundo. As narrativas e a vida vão caminhando juntas e, dessa maneira, o atrativo principal da narrativa como estratégia metodológica é sua capacidade de conduzir os sujeitos a reproduzirem as suas experiências de vida, de forma relevante e cheia de sentido. Assim como Foucault (2012b, p. 21), “suponho, mas sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar”. Narrativas recheadas de “fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza” (idem).

Desse modo, a narrativa se constitui como uma modalidade discursiva, na qual as histórias que contamos e as histórias que ouvimos, produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais, passam a construir a nossa história, a dar sentido a quem somos e a quem são os outros, constituindo assim as nossas identidades – de gênero, sexual, racial, religiosa, de professor(a), de classe social, de mãe e pai, filho(a), entre outras. Assim, construímos e expressamos a nossa subjetividade com base nas formas linguísticas e discursivas que empregamos nas nossas narrativas (RIBEIRO, SOARES e FERNANDES, 2009).

Acredito que “as entrevistas não permitem dizer *uma* ou *a* verdade sobre as coisas e os fatos, mas podemos considerá-las como a instância central que, somada a outras, traz informações fundamentais acerca do vivido e possibilita uma interpretação” (ANDRADE, 2012, p. 175), mesmo que provisória e parcial, das vivências das pessoas. Sendo assim, exploro as narrativas buscando problematizar as construções históricas, sociais e culturais que conduzem a constituição dos discursos e dos sujeitos.

Nesse sentido, trago para discussão duas questões que apareceram durante as entrevistas com os professores. Primeiramente, trabalho com a questão do armário, o ato de se assumir ou não homossexual e suas consequências, com base nas narrativas dos professores Compadre Quelemém e Medeiro Vaz³. Em seguida, abordo a emergência da internet e a abertura de novas formas de encontro e de relacionamento com o outro baseadas no uso da web.

“Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje, naquele tempo, eu teria saído do armário”: Ficar ou sair do armário? É preciso escolher?

Em suas pesquisas sobre o armário e as homossexualidades, Eve Kosofsky Sedgwick (2007) aponta que o armário é um regime de controle das

³ Os nomes que adoto para me referir aos professores são fictícios. São nomes inspirados nos personagens do romance “Grande sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa.

sexualidades que busca manter a divisão binária heterossexual-homossexual da sociedade ocidental desde o final do século XIX. O armário é caracterizado por um conjunto de regras nem sempre claras, mas cuidadosamente estabelecidas, que constituem o espaço público como sinônimo e lugar da heterossexualidade, afastando para o âmbito do privado as relações entre pessoas do mesmo sexo biológico. Diz ela:

Ao final do século XIX, quando virou voz corrente – tão óbvio para a Rainha Vitória como para Freud – que conhecimento significa conhecimento sexual e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reificante dessa recusa significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintamente constituída como segredo (SEDGWICK, 2007, p. 30).

As homossexualidades foram “criadas” em segredo e tiveram suas existências marcadas, em muitos momentos, pela inserção no armário daqueles que demonstrassem interesses por sujeitos considerados iguais anatomicamente. Desse modo, viver no *closet* não é apenas uma escolha pessoal e a decisão de sair dele tampouco depende apenas da coragem ou capacidade de cada sujeito. Em contextos de sociedades homofóbicas e heterossexistas, o ato de “assumir-se” pode ter como consequência a expulsão de casa, a perda do emprego, *bullying* na escola e em casos extremos pode levar à morte. Daí, os principais motivos de, historicamente, grande parte dos homens e mulheres que tinham desejos por pessoas do mesmo sexo viverem as suas sexualidades em segredo. Isso lhes trazia a sensação de serem únicos, ao mesmo tempo em que carregavam o fardo de viver um desejo secreto sem ter a presença do outro para compartilhar temores, sofrimentos e experiências (MISKOLCI, 2009).

Afinal, as identidades sexuais que se distanciam da heterossexualidade devem ficar “guardadas” no armário? Ou o armário deve ser escancarado? Penso que não existe um caminho único que todos/as devam seguir. Cada

um vai produzindo a sua subjetividade, construindo sua existência e sendo atravessado por experiências que se somam à constituição do sujeito. Sendo assim, alguns indivíduos saem do armário e assumem as suas sexualidades não hegemônicas, enquanto outros preferem, ou veem como única possibilidade de vida, continuar vivendo no segredo e na segurança que o armário lhes confere.

Em minhas conversas com os professores, a problemática do armário e do ato de se assumir veio à tona, demonstrando que essas questões ainda estão presentes e são marcantes no cotidiano de muitos sujeitos. Reproduzo a seguir duas narrativas distintas de dois professores. Um narra o momento em que se assumiu homossexual para a sua família, já o outro aponta os conflitos vivenciados pelo fato de viver dentro do armário. Primeiramente, apresento a narrativa do professor Compadre Quelemém, que relata a experiência de assumir a sua homossexualidade para a família:

Eu e minha irmã, o nosso relacionamento sempre foi mil, nós éramos muito unidos. Cheguei em Juiz de Fora e eu contei pra minha irmã: “aconteceu uma coisa, eu acabei de me descobrir. Descobri que eu posso levar uma vida normal independente de ser hétero ou homo. Minha ficha caiu e eu posso levar uma vida normal. A escolha que eu fizer daqui pra frente não vai influenciar na minha vida profissional, na minha vida social, tanto com a minha família quanto com os meus colegas”. Chegando em Juiz de Fora, um final de semana depois, nervoso né, pra saber qual seria a reação da minha irmã e aí eu comentei: “sabe fulano de tal? Aquele meu amigo? Pois é, ele não é meu amigo!”. E ela: “como assim?”. Eu disse: “ele não é apenas meu amigo. Eu tenho uma relação a mais com ele, mais afetiva com ele”. Ela disse: “show de bola!” e eu levei um choque, tava esperando o pior. Eu falei: “eu estou tendo uma relação afetiva com ele e gostaria do seu apoio” e ela respondeu “ah, tranquilo, tô aqui pro que der e vier. O que você precisar de mim...”. E eu pensei: “mas como assim?”. Eu falei com

ela e posteriormente eu falei pra uma tia minha que é mais nova. Eu não entendi a reação dela e questionei “mas porque você reagiu assim?” e ela “uai, você não quis me contar? Você acha que eu não sabia? Eu sempre soube!”. Então essa reação dela quanto à reação da minha tia me surpreenderam e aí eu me senti um pouco mais aliviado porque eu entendi que qualquer problema que eu tivesse com a minha família enorme eu teria um respaldo, um apoio de pessoas que gostavam de mim mesmo. Foi o momento mais marcante pra mim (Professor Compadre Quelemém).

Ao contar para a irmã sobre a sua homossexualidade, o professor Compadre Quelemém enfatizou o movimento de descoberta pelo qual passou, tendo o desejo e a sexualidade como lugar de novas verdades: *“aconteceu uma coisa, acabei de me descobrir”*. Tal descoberta passa pela compreensão e pelo seu conhecimento da existência de múltiplas possibilidades de vivenciar as sexualidades. Assim, ao “descobrir-se” o professor investe no cuidado de si mesmo porque “não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si” (FOUCAULT, 2012a, p. 263), mas esse cuidado passa também pelo “conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições” (FOUCAULT, 2012a, p. 263). Como parte desse número de princípios e regras, podemos destacar a ação de assumir a homossexualidade e a esperada reação negativa dos sujeitos ante esse ato. Porém, no caso do professor Compadre Quelemém, a reação negativa foi substituída pelo apoio e compreensão por parte de sua irmã, atitude que causou surpresa ao professor: *“eu levei um choque, tava esperando o pior”*. Mas por que esperar o pior? Por que esse medo internalizado?

Existe toda uma expectativa de dor, sofrimento, decepção etc. criada pela sociedade heteronormativa em torno do momento da revelação da homossexualidade. Todas essas criações culturais também permitem escapes e ressignificações desse ato de revelar-se, possibilitando que existam

sujeitos que não se incomodem com os desejos sexuais dos outros, como a irmã do professor Compadre Quelemém: *“ah, tranquilo, tô aqui pro que der e vier. O que você precisar de mim...”*. Tal tranquilidade da irmã vai na contramão da reação que o professor esperava que ela pudesse ter, chegando ao ponto dele questionar a atitude dela: *“mas porque você reagiu assim?”* e ela *“uai, você não quis me contar? Você acha que eu não sabia? Eu sempre soube!”*. Assim, podemos pensar que a saída do armário é um momento de desassossego e de tensão que “pode trazer a revelação de um desconhecimento poderoso como um ato de desconhecer, não como o vácuo ou o vazio que ele finge ser, mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e consequente” (SEDGWICK, 2007, p. 35).

A saída do armário pode representar também uma atitude política, um ato de coragem, mas acima de tudo é uma ação de liberdade para o sujeito que se assume. Uma liberdade de si para consigo, que culmina em novas relações consigo mesmo e para com o outro, assim como narra o professor Compadre Quelemém: *“eu me senti um pouco mais aliviado porque eu entendi que qualquer problema que eu tivesse com a minha família enorme eu teria um respaldo, um apoio de pessoas que gostavam de mim mesmo”*. No entanto, “assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário” (SEDGWICK, 2007, p. 40), uma vez que esse ato sempre será associado ao sujeito homossexual e à homossexualidade, já que a heterossexualidade é tida como “natural” e desejada, ou seja, não precisa ser assumida e os sujeitos heterossexuais não precisam sair do armário e declarar que vivenciam essa sexualidade.

Já outros sujeitos criam na vivência dentro do armário uma possibilidade de existência. Esse é o caso do professor Medeiro Vaz, que em sua narrativa mostra inquietudes a esse respeito:

Viver como vivem certos amigos que eu tenho, que os pais sabem, que a família sabe, isso é um sonho de consumo guardado lá no fundo do baú com um monte de livros em cima, trancado com

cadeado e a chave desse cadeado eu não consigo achar. [...] Quando eu estudava, eu não saí do armário, que era a coisa que eu mais gostaria de ter feito e é a coisa que a grande maioria dos adolescentes fazem. Eles têm muito mais coragem do que eu. [...] Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje naquele tempo eu teria saído do armário. Hoje, sinceramente eu prefiro deixar do jeito que tá pra ver o que acontece daqui a algum tempo. Eu espero que eu não morra sozinho. É só isso que eu quero, não morrer sozinho. Espero ter alguém do meu lado, eu sinto muita falta disso, falta demais da conta (Professor Medeiro Vaz).

Ao se construir por meio de sua narrativa, o professor Medeiro Vaz fez uma comparação entre a forma com que ele e os amigos lidam com a homossexualidade: *“Viver como vivem certos amigos que eu tenho, que os pais sabem, que a família sabe, isso é um sonho de consumo guardado lá no fundo do baú com um monte de livros em cima, trancado com cadeado e a chave desse cadeado eu não consigo achar”*. Declarar a sua homossexualidade passa a ser “um sonho de consumo”, que ao mesmo tempo se mostra distante, quase impossível de ser realizado, transformado em uma utopia para o professor. Esse “sonho de consumo” coloca em questão o modelo de homossexualidade que é valorizado e, portanto, desejado pelo professor. Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam e que já estavam no ar por algum tempo (SEDGWICK, 2007). Essas relações “já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade” (SEDGWICK, 2007, p. 38). Conviver com amigos que são declaradamente homossexuais e ter exemplos de como se dá o processo de “revelação” não é o suficiente para que o professor Medeiro Vaz faça o mesmo, pois, cada sujeito estabelece a sua própria relação com o armário, podendo inclusive decidir viver a homossexualidade em segredo dentro dele.

A questão da coragem emerge na fala do professor Medeiro Vaz e, para ele, a coragem de verdade é componente essencial para que uma pessoa assuma a homossexualidade: *“Quando eu estudava, eu não saí do armário, que era a coisa que eu mais gostaria de ter feito e é a coisa que a grande maioria dos adolescentes fazem. Eles tem muito mais coragem do que eu”*. Ao se narrar, o professor Medeiro Vaz faz um movimento de voltar em suas lembranças e atitudes da adolescência e associá-las com o que os adolescentes fazem hoje em dia, conduzindo-o a pensar que os sujeitos atualmente têm mais coragem para assumir as suas sexualidades perante a sociedade. Viver no armário ou sair dele nunca são questões que estão fechadas e prontas completamente, estão em constante movimento.

O passar do tempo e a experiência de vida proporcionam ao professor Medeiro Vaz uma reflexão sobre si mesmo diante de uma possível saída do armário em sua adolescência: *“Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje naquele tempo eu teria saído do armário. Hoje, sinceramente eu prefiro deixar do jeito que tá pra ver o que acontece daqui a algum tempo”*. Tal reflexão aponta a existência de um sujeito que é construído ao longo do tempo, produto de uma série de conhecimentos e experiências sobre a homossexualidade e os possíveis desdobramentos dessa revelação, pois a ideia de se assumir “confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário” (SEDGWICK, 2007, p. 27). O pensamento do professor Medeiro Vaz daqui em diante passa pelo investimento de continuar na “privacidade” proporcionada pelo armário, ao mesmo tempo em que destaca estar aberto a possíveis mudanças derivadas dos acontecimentos que possam surgir daqui a algum tempo em sua vida.

Sair do armário, ficar no armário, dar uma volta e retornar, espiar pela fresta da porta... Tantas possibilidades, tantas maneiras de existir, de viver, de se constituir... “E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria

mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!” (ROSA, 2001, p. 524).

Estando dentro ou fora do armário “as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam” (SEDGWICK, 2007, p. 22). Muros que nos cercam, nos prendem e nos dão a possibilidade de fuga e resistência, abrindo caminho para que possamos trilhar por novas veredas, numa incansável produção de artes de viver...

Ficar no armário não significa não vivenciar as homossexualidades. Hoje, existem várias formas de vivê-las e de estar no armário, por mais paradoxal que pareça. Nesse sentido, a internet apareceu na pesquisa como uma dessas possibilidades de vivência e produção de saberes sobre as homossexualidades.

“O que eu diria que foi uma grande abertura pra mim em relação à homossexualidade foi o acesso à internet”: A emergência da internet e a produção de homossexualidades

A rede mundial de computadores, mais conhecida como internet, surgiu no final da década de 1960 com finalidades militares durante a Guerra Fria. A partir das décadas de 1970 e 1980, a internet passou a ser utilizada como um importante meio de comunicação por cientistas e pela comunidade acadêmica. Foi a partir da década de 1990 que a internet começou a se expandir e a alcançar a população em geral. Ela passou a ser utilizada por vários segmentos sociais. Os estudantes e as instituições educacionais começaram a lançar mão dessa novidade tecnológica para a realização de trabalhos e pesquisas escolares. Crianças e jovens passaram a frequentar os sites de jogos em busca de diversão e passatempos. As empresas se apropriaram da internet como aliada em campanhas publicitárias e começaram a vender produtos por meio de lojas virtuais. É claro que as salas de bate-papo também são fruto desse inovador mundo digital.

Essas salas, também conhecidas como chats, traçam um novo cenário para os homossexuais, sobretudo, para os que vivem no “armário” ou que são extremamente tímidos. Historicamente indesejadas e excluídas na maior parte dos espaços públicos, as sexualidades que escapam da heterossexualidade “tenderam a se restringir a locais de encontros e espaços reduzidos das grandes cidades, deixando pouca ou nenhuma opção para a maioria que vivia (e vive) em cidades médias, pequenas, na zona rural ou mesmo na periferia das metrópoles” (MISKOLCI, 2009, p. 173). Daí a importância do surgimento da rede para grande parte dos homossexuais.

As possibilidades de estabelecer contato e conhecer pessoas sem exposição conduziu a rede mundial de computadores a um papel de central importância na vida de boa parte desses sujeitos, a ponto de muitos nem conseguirem se imaginar “desconectados” ou fora desse universo virtual. A era da internet parece tê-los libertado da maioria das restrições presentes cotidianamente em suas vidas. O uso dessa tecnologia está intimamente ligado à constituição de contatos e redes de relacionamento que frequentemente se estendem para a vida social (MISKOLCI, 2009).

Dois professores coautores da pesquisa trazem narrativas que apontam a presença da internet na constituição de suas subjetividades. Começo pensando nessa questão com base na fala do professor Joca Ramiro:

O que eu diria que foi uma grande abertura pra mim em relação à homossexualidade foi o acesso a internet. Eu sempre fui muito tímido, até hoje carrego bastante essa timidez. Quando eu era adolescente eu tinha vergonha demais, tinha vergonha de tudo, relacionar com as pessoas era muito complicado pra mim. Mas aos pouquinhos a gente vai vencendo isso na vida né? E venço até hoje. O acesso à internet, isso aconteceu na década de 90 né? Final de 90, 95, 96, 97, foi nesse período mais ou menos. Foi na internet que eu comecei a conversar sobre isso com naturalidade e foi aí que eu passei a me ver. Era um espaço em que eu podia falar a vontade com pessoas anônimas. Houve pessoas que eu conheci em salas de

bate-papo que ficou ali, eu não quis, não rolou. Outras eu encontrei mesmo. E aquilo era muito fácil, eu tinha clareza de que ali eu estava encontrando pessoas que independente de rolar alguma coisa, algum relacionamento, eram cúmplices e era o que eu precisava ter. Então foi importantíssimo pra mim. Diria que naquele momento foi decisivo na minha vida em função de viver a homossexualidade. E de outras formas pela timidez, pelas barreiras, eu estou colocando como timidez, mas talvez fosse um bloqueio mesmo, uma repressão talvez. Foi a internet realmente que me possibilitou abrir caminhos. E nesse processo de internet eu conheci algumas pessoas, umas interessantes e engraçadas e foi indo até que eu tive o primeiro contato com um cara e foi uma coisa muito legal, mágica, muito gostosa. E aí eu falei assim: ‘ah agora não tem jeito mais não!’ Foi uma relação legal que mexeu muito, muito. E eu comecei a direcionar minhas atenções mais pra isso mesmo (Professor Joca Ramiro).

O avanço e popularização do acesso à internet a partir do final da década de 1990 proporcionou o surgimento de novas formas de se relacionar instantaneamente com múltiplas pessoas ao mesmo tempo e em diferentes lugares do mundo. Esse novo meio de comunicação trouxe a possibilidade de expressão de sentimentos, emoções, dúvidas, angústias e a busca de pessoas que vivenciem situações similares, por meio da linguagem escrita. Uma linguagem que, em alguns casos, pode ser caracterizada pelo anonimato e discrição, que ao mesmo tempo cria um espaço de liberdade, no qual assuntos quase proibidos em alguns lugares podem vir à tona, como por exemplo, a homossexualidade (MISKOLCI, 2009). O professor Joca Ramiro expressa isso em sua narrativa: *“O que eu diria que foi uma grande abertura pra mim em relação à homossexualidade foi o acesso a internet. Eu sempre fui muito tímido, até hoje carrego bastante essa timidez”*.

A interação com outros sujeitos que compartilham as mesmas inquietudes na internet propicia um ambiente em que o professor Joca

Ramiro tem a possibilidade de falar sobre a sua homossexualidade “com naturalidade”, ao mesmo tempo em que a rede acaba assumindo a função de um espelho: *“Foi na internet que eu comecei a conversar sobre isso com naturalidade e foi aí que eu passei a me ver”*. Ao se ver nesse espelho, o professor Joca Ramiro faz um trabalho sobre si mesmo, “um trabalho de si para consigo”, uma “elaboração de si para consigo” e uma “transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é a ascese” (FOUCAULT, 2010b, p. 16), ou seja, mergulha em um processo de subjetivação. Vendo-se na internet o professor passa a se sentir acolhido, protegido, tem a possibilidade de manifestar seus desejos sem medos e pode conhecer sujeitos “iguais” a ele, que venham a compartilhar dos mesmos sentimentos.

Enquanto a web multiplicou as possibilidades já existentes para relações heterossexuais, para pessoas que buscam se relacionar com outras do mesmo sexo, a rede criou um espaço inédito e extremamente potente para se socializar. Grande parte dessa socialização ocorreu nas salas de bate-papo. Os sujeitos presentes nessas salas assumiram importante papel na experiência que o professor Joca Ramiro teve com a internet: *“Eram cúmplices e era o que eu precisava ter. Então foi importantíssimo pra mim. Diria que naquele momento foi decisivo na minha vida em função de viver a homossexualidade”*. Mais uma vez podemos perceber a importância da presença do outro para a constituição do sujeito, pois, “quanto mais se precisa de um conselheiro para si próprio, mais se precisa, nessa prática de recorrer ao Outro” (FOUCAULT, 2010b, p. 129). O outro pode ser um potencial encontro sexual ou um potencial namorado, mas também pode se tornar cúmplice e “conselheiro” nessa etapa de produção de si e na produção de saberes sobre as homossexualidades.

Richard Miskolci em sua incursão etnográfica em salas de bate-papo gay, voltadas para o público masculino de São Paulo, nos fala que a web também estendeu

o código-território da homossexualidade para mais pessoas nas metrópoles e nos recantos do interior do país. Nestes locais, a maioria jamais quis (ou pôde) se expor de forma a frequentar algum local claramente gay ou lésbico. Estes indivíduos, os quais, pelas razões as mais diversas (geográficas, econômicas, puro e simples preconceito), se consideram “fora do meio”, encontraram na web uma forma de conhecer parceiros e até fazer amizades sem o ônus da exposição de seus interesses eróticos no espaço público. Vista dessa forma, a internet revela a sua dupla face: facilitadora de contatos e constituição de redes, mas mantenedora da imagem dominante do espaço público como sinônimo de heterossexualidade. Se ela, de um lado, permitiu o rompimento do isolamento de homens e mulheres que tendiam a imergir em crises existenciais profundas pela falta de alguém para compartilhar temores, dores e sonhos, de outro, auxiliou a manter a visão dominante de qualquer “meio” compartilhado por homo-orientados seria moralmente duvidoso. Em outras palavras, a internet tomou o lugar dos antigos guetos urbanos ou o “mito” cultural do “meio” e se tornou passagem quase obrigatória para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos em sua autodescoberta, contatos sexuais ou amorosos e a criação de redes de apoio (MISKOLCI, 2009, p. 176).

A web acena com a possibilidade de vivenciar os desejos desvinculando-os de estigmas ou marcas, podendo denunciar traços ou comportamentos que remetam à homossexualidade. Promessa cativante e sedutora: inserir-se na rede tornaria possível entrar no “meio gay” como se estivesse fora dele. O acesso individual e oculto ao conhecimento de outras pessoas permite ao sujeito circular por “espaços interditos no cotidiano, espaços quase proibidos, conhecer pessoas, estabelecer redes, tudo aparentemente desvinculado de qualquer contradição com a ordem social dominante” (MISKOLCI, 2009, p. 178), por meio do “distanciamento” proporcionado pela internet.

Entrar na web, conhecer pessoas, estabelecer relações, compartilhar sentimentos e experiências é capaz de provocar uma transformação nos

sujeitos que utilizam essa ferramenta de comunicação. Tal vivência pode conduzir o sujeito a “abrir caminhos”, como nos aponta o professor Joca Ramiro:

Foi a internet realmente que me possibilitou abrir caminhos. E nesse processo de internet eu conheci algumas pessoas, [...] e foi indo até que eu tive o primeiro contato com um cara e foi uma coisa muito legal, mágica, muito gostosa. E aí eu falei assim: ‘ah agora não tem jeito mais não!’.

A internet abre um leque de possibilidades para o encontro de pessoas, seja para a criação de amizades, compartilhamento de inquietações e até mesmo a escolha de parceiros para encontros sexuais e a escolha de parceiros amorosos. Nesse processo, o professor Joca Ramiro teve a oportunidade de conhecer alguns sujeitos: *“E nesse processo de internet eu conheci algumas pessoas, [...] e foi indo até que eu tive o primeiro contato com um cara e foi uma coisa muito legal, mágica, muito gostosa”*. Além das vantagens já expostas, a ação de conhecer alguém pela internet permite um conhecimento prévio estabelecido durante os momentos em que os sujeitos estão se comunicando pela rede. Também permite definir características tidas como importantes no processo de escolha do parceiro no que toca a afinidades, gostos sexuais, características físicas e socioculturais. Tal cuidado talvez tenha sido utilizado pelo professor Joca Ramiro para que o seu *“primeiro contato com um cara”* fosse *“uma coisa muito legal, mágica, muito gostosa”*. Na internet a sexualidade tem o seu espaço ampliado e pode ser vista “como meio de experimentação e autodescoberta” (MISKOLCI, 2009, p. 183), como nos aponta o professor Joca Ramiro. Ao mesmo tempo, esse exercício da sexualidade é realizado sem o sujeito se “expor” fisicamente, o que para muitos soa como um atrativo para o investimento em relacionamentos virtuais.

Assim como o professor Joca Ramiro, o professor Zé Bebelo também teve a internet como aliada durante certo período da construção da sua sexualidade. Ele afirma ter tido a “sua fase de chat” e nos conta como foi esse período:

Acho que todo mundo tem a sua fase de chat, acho que a minha válvula de escape era o chat. Eu entrava porque tinha muita gente pra conversar, pra saber como que acontecia com eles, como que era a relação deles com a família e eu não tinha com quem conversar, eu esperava isso do meu primo entende? Eu não sentia aquela vontade louca de encontrar, de subir pelas paredes, lógico que tem a busca pelo prazer e foi uma sensação prazerosa. É lógico que a gente espera aquilo, mas eu não subia pelas paredes pra conversar com alguém no chat e sair pra encontrar, sabe? Era mais pra saber como aquilo acontecia. Tinha um monte de gente casado, noivo que procurava pra conversar no chat e isso foi dando uma certa estabilidade pra mim porque era a minha válvula de escape trocar ideia. Depois as coisas foram se acertando dentro de mim, eu não tenho que provar nada pra ninguém e fui me consolidando (Professor Zé Bebelo).

Para o professor Zé Bebelo, o uso do chat ao acessar a internet era a sua “*válvula de escape*”, um lugar em que ele podia encontrar pessoas que tivessem em comum os mesmos conflitos e curiosidades, ao mesmo tempo em que exerceria uma espécie de “estágio”, uma preparação, uma busca de conhecimentos acerca das homossexualidades. Um lugar de liberdade e realização, onde ele poderia expressar seus desejos sem medos, pudores ou repressão, lembrando aquilo que Foucault (2010a) chamaria de heterotopia⁴. Desse modo, a internet emerge como uma estratégia de aproximação entre sujeitos que são relegados à exclusão e ao preconceito pela sociedade.

⁴ O filósofo francês chama de heterotopia os contra-espacos, os lugares reais fora de todos os lugares que funcionam em condições não hegemônicas. Penso que a internet também pode assumir o sentido de um contra-espaco, ou seja, uma heterotopia.

A vontade de conversar e de encontrar alguém que compartilhasse as suas experiências também é apontada pelo professor Zé Bebelo: *“a minha válvula de escape era o chat. Eu entrava porque tinha muita gente pra conversar, pra saber como que acontecia com eles, como que era a relação deles com a família e eu não tinha com quem conversar”*. A necessidade de encontrar alguém, como narra o professor Zé Bebelo, para falar e compartilhar de seus desejos – seja para a criação de relações amorosas, combinação de uma “pegação”, fazer amigos ou simplesmente compartilhar dores – faz da internet o mais novo meio de controle e exposição da sexualidade. Desse modo, “ao colocar o sexo em palavras, a rede se distancia das “regras” que marcavam o antigo “meio”, ou seja, o silêncio sobre o que se fazia” (MISKOLCI, 2009, p. 188). Ao trazer o sexo ao discurso, a internet faz também com que os seus usuários ampliem o sentido e o papel da sexualidade em suas vidas e na própria forma como se compreendem e se constituem, ou seja, “tornar-se” homossexual é um aprendizado que é construído na coletividade.

A internet ampliou as possibilidades de contatos amorosos e sexuais, ou seja, da paquera ou “pegação”. Para parte dos sujeitos homossexuais, a web se apresenta como um dos poucos lugares de sociabilidade em que é possível “expressar os seus desejos, conhecer pessoas em situação similar e não arriscar ser repreendido ou humilhado por seus anseios” (MISKOLCI, 2009, p. 184). Ao mesmo tempo, a web é uma importante aliada que favorece o encontro de diferentes sujeitos e homossexualidades, que juntos acabam construindo coletivamente saberes sobre o que vem a ser o sujeito homossexual. O professor Zé Bebelo passou por essa situação e traz uma narrativa nesse sentido:

Eu não sentia aquela vontade louca de encontrar, de subir pelas paredes, lógico que tem a busca pelo prazer e foi uma sensação prazerosa. É lógico que a gente espera aquilo, mas eu não subia

pelas paredes pra conversar com alguém no chat e sair pra encontrar, sabe? Era mais pra saber como aquilo acontecia.

Uma fala que nos convida a pensar na vontade de saber (FOUCAULT, 1988), um desejo de conhecer o outro e a si mesmo. Nesse sentido, para que esse movimento ocorra, é preciso uma dobra, pois, “para conhecer-se a si mesmo” é “preciso dobrar-se sobre si” (FOUCAULT, 2010b, p. 63), ser receptivo, abrir-se para essa experiência, abrir-se para algo que tem que ser aprendido.

Tal abertura foi proporcionando ao professor Zé Bebelo uma compreensão e produção de si, chegando ao ponto dele poder afirmar: *“Depois as coisas foram se acertando dentro de mim, eu não tenho que provar nada pra ninguém e fui me consolidando”*. Os modos de constituição de si são processos gradativos, que se dão aos poucos e que não cessam. A abertura do professor Zé Bebelo em se aventurar em seu próprio ser abre caminhos para a elaboração de um conhecimento de si somado ao conhecimento fruto da relação com o outro, pois “é absurdo ignorar a si mesmo quando se aspira a conhecer tudo o mais” (FOUCAULT, 2010c, p. 155).

A atraente promessa da rede continua a ser de um meio individual (que pode se expandir para um meio coletivo), autônomo e secreto de busca de uma vida melhor, com amigos, casos, amores ou simplesmente um espaço de fuga para dividir tristezas, decepções e se sentir menos só em seus dilemas, experiências e confrontos cotidianos com uma ordem social que não reconhece e não abre espaço para os seus desejos (MISKOLCI, 2009).

A rede não só abriu a possibilidade de expansão do armário. Ela também pôde resignificá-lo e transformá-lo ao disponibilizar novas oportunidades e alternativas de socialização entre diferentes sujeitos, vivências impensáveis para as gerações anteriores à popularização da internet. Até mesmo a “solidão dos que desejam pessoas do mesmo sexo não é a mesma, já que podem compartilhá-la reconhecendo sua não

excepcionalidade e diminuindo seu sofrimento” (MISKOLCI, 2009, p. 188). A rede oferece ao sujeito a oportunidade de reflexão e conhecimento de si mesmo por meio da interação com o outro, em que o ato de “conhecer-se é conhecer o verdadeiro. Conhecer o verdadeiro é liberar-se” (FOUCAULT, 2010b, p. 189). Um liberar-se que passa pela ciência de que existem múltiplas formas de se vivenciar as sexualidades que culminam numa experiência de produção de si.

Algumas considerações longe de serem finais...

As temáticas discutidas neste texto têm em comum uma questão norteadora: a constituição das homossexualidades. Ao problematizar a ação de ficar ou sair do armário e a emergência da internet, quis mostrar como as homossexualidades vão se constituindo e constituindo sujeitos.

Ao longo de suas narrativas, os professores denunciam que estão imersos em jogos de verdade e subjetividades, “jogos do verdadeiro e do falso através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, ou seja, como podendo e devendo ser pensado” (FOUCAULT, 2012c, p. 190). Assim, eles revelam que estão em um mundo organizado, um mundo que tem os seus saberes sobre as homossexualidades, sobre o que é sujeito nessa organização. Esses saberes estabelecem as formas como eles lidam consigo mesmos e com os lugares que ocupam. Tal organização expõe uma homossexualidade que é sempre racionalizada, fazendo com que os professores pensem nas maneiras como eles se comportam e agem em diferentes espaços. Dessa forma, a homossexualidade passa a exigir uma racionalidade de si, um incômodo, um pensar e um inquietar-se consigo mesmo. Assim, os sujeitos se veem vivenciando uma experiência de (des)subjetivação com base em suas inserções nos jogos de verdade, nas relações de poder e nas formas de relação consigo mesmos e com os outros.

Referências

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa resignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Organizadoras). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 173-194.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *El cuerpo utópico: Las heterotopias*. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010a.

_____. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Annus Muchail. 3ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (organização, seleção de textos e revisão técnica). *Ditos e Escritos, volume V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a, p. 258-280.

_____. Uma estética da existência. In: MOTTA, M. B. (organização, seleção de textos e revisão técnica). *Ditos e Escritos, volume V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b, p. 281-286.

_____. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: MOTTA, M. B. (organização, seleção de textos e revisão técnica). *Ditos e Escritos, volume V: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012c, p. 187-211.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002a, nº 19, p. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf> Acesso em: 26/07/2012.

_____. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002b, p. 35-86.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever... In: V Anped Sul, 2004. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_11_02_CONHECER,_PESQUISAR,_ESCREVER.pdf> Acesso em 10/02/2013.

MISKOLCI, R. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. In: *Revista Gênero*, v. 9, n. 2, 1º sem. Niterói: EdUFF, 2009, p. 171-190.

RIBEIRO, P. R. C.; SOARES, G. F.; FERNANDES, F. B. M. A ambientação de professores e professoras homossexuais no espaço escolar. In: JUNQUEIRA, R. D. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 183-211.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas – SP, v. 28, Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007, p. 19-54. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>> Acesso em: 24/07/2013.

Recebido em abril de 2016.

Aprovado em agosto de 2016.